

## O OBJETO FORA DA ALOCUÇÃO: O “ELE” NA CRÔNICA ESPORTIVA SOBRE NEYMAR NA COPA DO MUNDO DE 2018

### THE OBJECT OUT OF THE SPEECH: THE “HE” IN THE SPORT CHRONICLE ABOUT NEYMAR IN THE WORLD CUP OF 2018

Wilian Dal' Ponte<sup>1</sup> (UPF)

#### RESUMO

A Teoria Enunciativa de Émile Benveniste, por sua profundidade reflexiva e precisão teórica, permite que os ensinamentos difundidos por seu idealizador sejam aplicados analiticamente em diferentes tipos e gêneros textuais. A enunciação “não subjetiva”, materializada pelo “ele” no discurso, manifesta-se com frequência em textos. Isso é comprovado por Benveniste (2005), quando ele explica que “a ‘terceira pessoa’ é a forma do paradigma verbal (ou pronominal) que *não* remete a nenhuma pessoa, porque se refere a um objeto colocado fora da alocução.”. (grifos do autor). A partir disso, este artigo fará a discussão acerca do “ele” presente em um texto do tipo argumentativo e do gênero crônica esportiva, escrito por Diori Vasconcelos, no espaço intitulado “Apitômetro”, integrante do jornal gaúcho Zero Hora, do dia 3 de julho de 2018. Em “Boca Fechada e Postura Exemplar” o elemento externo à alocução será analisado, tendo como marco teórico os textos benvenistianos “A natureza dos pronomes”, “Da subjetividade na linguagem” e “A linguagem e a experiência humana”, todos componentes do PLG I e PLG II, respectivamente. Metodologicamente, todas as marcas que remetem à “não-pessoa” enunciativa serão examinadas, a fim de confirmar que, conforme explicita Émile Benveniste (2005), “a forma *ele*... tira o seu valor do fato de que faz necessariamente parte de um discurso enunciado por ‘eu’.”. (grifos do autor). Logo, tanto a relevância acadêmica quanto a pedagógica são alcançadas através desse trabalho, evidenciando a expressividade que assume a Enunciação na atualidade.

**Palavras-chave:** “Ele”. Alocução. Enunciação.

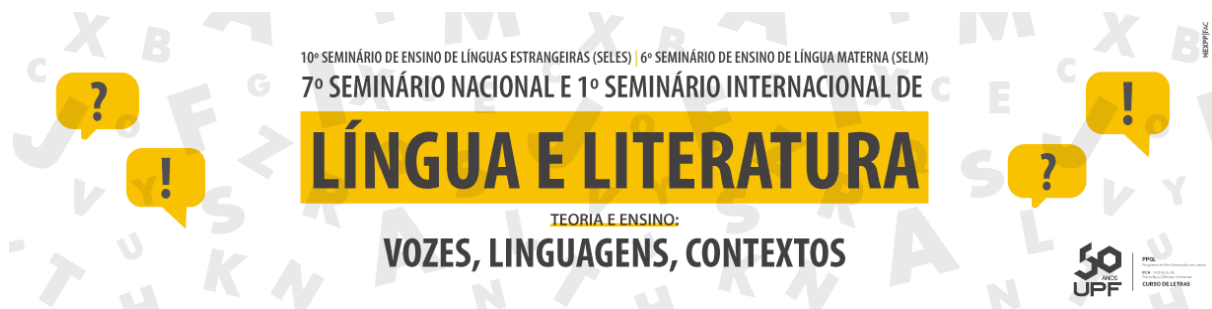
#### ABSTRACT

The Theory of Enunciative by Émile Benveniste, by its reflexive depth and theoretic precision, allows the lessons spread by its idealizer to be analytically applied in different textual types and genres. The “non-subjective” enunciation, materialized by “him” in the speech, manifests itself with frequency in texts. That is proven by Benveniste (2005), when he explains that “the ‘third person’ is the form of the verbal paradigm (or pronominal) that *does not* refer to any person, because it refers to an object placed out of the speech.”. (author emphasis). From this statement, this article will discuss about the “he” present in a text of argumentative type and of sport chronicle genre, written by Diori Vasconcelos, member of Zero Hora newspaper, in the space titled “Apitômetro”, from July 3<sup>rd</sup> of 2018. In “Boca Fechada e Postura Exemplar” the element external to speech will be analyzed, having as theoretical framework the benvenistian texts “A natureza dos pronomes”, “Da subjetividade na linguagem” e “A linguagem e a experiência humana”, all components of PLG I and PLG II, respectively. Methodologically, all the marks that refer to the “non-person” enunciative will be examined, in order to confirm that, as Émile Benveniste (2005) makes explicit, “the form *he*... takes its value from the fact that it necessarily makes part of a speech enunciated by ‘I.’” (author emphasis). Therefore, both the academic and the pedagogical relevance are reached through this assignment, evidencing the expressiveness which the Enunciation assumes in the present time.

**Key-words:** “He”. Speech. Enunciation.

---

<sup>1</sup> Doutorando da linha de pesquisa Constituição e Interpretação do Texto e do Discurso do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF).



## 1 INTRODUÇÃO

A Linguística da Enunciação é, hoje, uma das áreas de estudos referentes à língua e à linguagem mais promissoras. Isso se deve ao fato de que pesquisas estrangeiras adentraram o Brasil, conquistando espaço no universo acadêmico. Nesse cenário, merecem especial atenção os textos escritos, na França, por Émile Benveniste<sup>2</sup>, a cuja compilação se convencionou denominar “Teoria da Enunciação”. Essa expressão divide opiniões, pois alguns pesquisadores explicam que Benveniste não formulou uma teoria. Até agora não se encontrou uma designação definitiva que possa substituir essa denominação acerca do escopo benvenistiano.

A partir disso, este artigo fará reflexões de natureza teórico-analítica acerca do “ele”, a não-pessoa (o objeto fora da alocação). O pronome cujo comportamento será observado tem de ser considerado sempre na relação que estabelece com o par “eu/tu”, visto que se for tomado como amostra isolada será impossível perceber seu real valor enunciativo.

Nessa tarefa, o elemento posto externamente à alocação será abordado conforme três diferentes momentos teóricos elaborados por Émile Benveniste: a) no artigo “A natureza dos pronomes”, b) no texto “Da subjetividade na linguagem” e c) na discussão proposta em “A linguagem e a experiência humana”, integrantes das obras *Problemas de Linguística Geral I* e *Problemas de Linguística Geral II*, respectivamente. O livro *Introdução à Teoria Enunciativa de Benveniste*, de Valdir do Nascimento Flores<sup>3</sup>, auxiliará, teoricamente, na condução do percurso ora ilustrado.

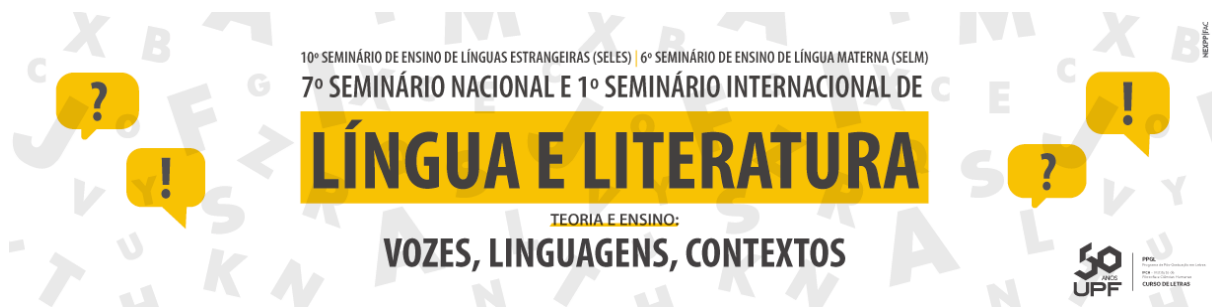
Feito isso, no momento reservado à análise, será tratado do texto pertencente ao gênero crônica esportiva intitulado “Boca Fechada e Postura Exemplar”, publicado no jornal gaúcho *Zero Hora* do dia 3 de julho de 2018. O material<sup>4</sup> escrito por Diori Vasconcelos era

---

<sup>2</sup> Nascido Ezra Benveniste, em Alep, Síria, em 27 de maio de 1902, chegou a Paris em 1913 para estudar na *École Rabbinique de France*. Naturalizou-se francês em 1924, quando trocou seu nome de batismo para Émile. Benveniste publicou muito ao longo da vida. Vítima de complicações provenientes de um acidente vascular cerebral, o linguista morreu em 3 de outubro de 1976.

<sup>3</sup> Doutor em Linguística. Realizou estudos de pós-doutorado (CNPq) na *Université de Paris XII-Val-de-Marne* e na *Université de Paris X-Nanterre* (CAPES). Atualmente, é professor associado de Linguística e Língua Portuguesa do curso de graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e professor e orientador do Programa de Pós-graduação em Letras da mesma Universidade. É autor de livros, capítulos de livros e artigos. É pesquisador PQ-CNPq.

<sup>4</sup> Optou-se por não apresentar integralmente o texto, a fim de reservar um espaço maior à análise. O leitor que desejar lê-lo pode acessá-lo no local supracitado.



integrante do espaço nomeado como “Apitômetro”. Dez marcas enunciativas textuais serão mostradas e, em seguida, analisadas, materializando as reflexões que aqui se propõe construir.

Por último, as considerações finais trarão à tona constatações embasadas nos princípios teóricos e na análise. Perceber e compreender como se dá o engendramento funcional do objeto colocado fora da alocação (“ele”) é fundamental para que a enunciação seja vista como um fenômeno linguístico que une o homem, a língua, o texto e a sociedade.

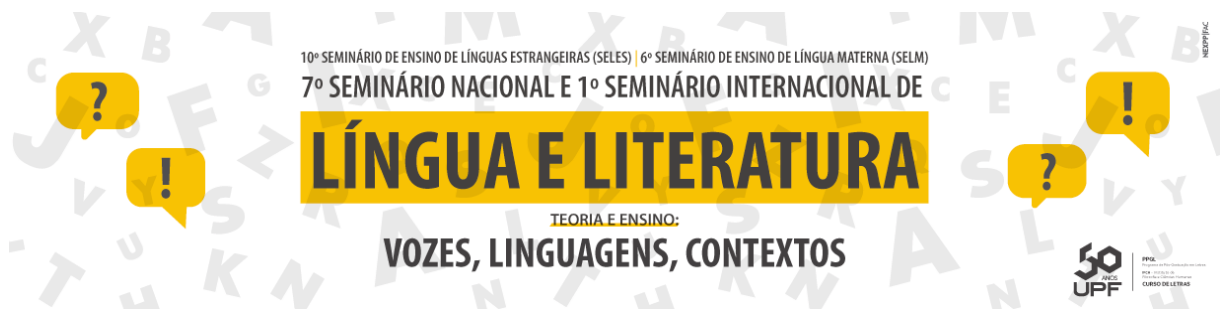
## 2 O OBJETO FORA DA ALOCUÇÃO EM “A NATUREZA DOS PRONOMES”

O fato de propor uma discussão de caráter teórico-reflexivo situada pós-Émile Benveniste não se configura como uma tarefa simples, pois o autor escreveu e publicou de forma intensa. Ele redigiu 18 livros, por volta de 300 artigos, mais de 300 resenhas e, exatamente, 34 outras publicações. Apresentar novidades depois dele é um exercício desafiador.

Então, é preciso estipular limites quando se quer falar sobre a Enunciação benvenistiana, devido à amplitude dimensional de sua obra. Neste espaço, o *corpus* textual de pesquisa será o artigo “A natureza dos pronomes”, publicado no ano de 1956.

A primeira vez que a distinção entre “pessoa” e “não-pessoa” ocorreu foi no desenvolvimento do texto de Benveniste intitulado “As relações de pessoa no verbo”, em 1946. Uma década depois, “A natureza dos pronomes” mobiliza tal diferenciação mais uma vez, fato que o torna original. Não tratando dos pronomes apenas como componentes gramaticais, o autor situa-os em uma realidade superior: eles atuam nos enunciados como índices distintivos no que tange à relação “subjeto *versus* objetivo”. Algumas marcas pronominais pertencem à sintaxe da língua; já outras à enunciação.

Atualizada, através da palavra, pelo locutor, a língua passa por um ininterrupto processo de renovação via-instâncias de discurso. “Eu” e “tu” caracterizam-se como uma única categoria da linguagem. O “ele” remete à infinidade de enunciados que não constituem pessoas, ou seja, realiza a autorremissão ou remete à situações objetivas. Esse elemento é a “terceira pessoa”, o componente não perpassado pela correlação de pessoa “eu/tu”. Isso pode ser melhor compreendido quando percebemos que



Não há truísmo em afirmar que a não-pessoa é o único modo de enunciação possível para as instâncias de discurso que não devam remeter a elas mesmas, mas que predicam o processo de *não importa quem* ou *não importa o que*, exceto a própria instância, podendo sempre esse *não importa quem* ou *não importa o que* ser munido de uma referência objetiva. (BENVENISTE, 2005, p. 282). (grifos do autor).

Em “A natureza dos pronomes” chama a atenção o fato de que a terceira pessoa é referida como aquela que encontra representatividade em signos vazios, diferenciando-se das demais tanto no que diz respeito à função que assume quanto no que tange à natureza constitutiva. Ainda sobre o objeto situado fora da alocação, Émile Benveniste esclarece quatro aspectos relevantes:

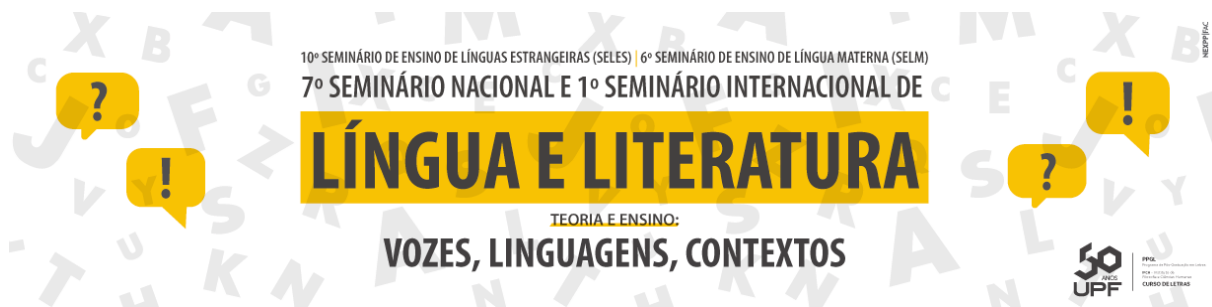
- 1º É capaz de combinar com referências de objetos distintas;
- 2º Jamais é reflexiva da instância de discurso;
- 3º Carrega consigo um número diversificado de variantes pronominais ou demonstrativas;
- 4º Não compactua com termos referenciais componentes do paradigma como, por exemplo, “aqui” e “agora”, dentre tantos outros.

A capacidade de situar as pessoas (“eu” e “tu”) e a não-pessoa “ele” remete ao caráter antropológico da linguagem. Fora da alocação, o objeto manifestado pela enunciação representa aquilo que não faz parte da correlação de pessoa. Mobilizada através do exercício da linguagem, a terceira pessoa passa de unidade vazia da língua a signo pleno, visto que a cada nova instância de discurso ela se reveste de significação particular. O “ele” tem a propriedade de converter a língua em discurso, referindo-se ao seu próprio uso.

A particularidade de a terceira pessoa assumir o *status* de “não-pessoa” está presente em diversas línguas. Sobre tal realidade, pode-se inferir que em

Outros idiomas (indo-europeus principalmente), a regularidade da estrutura formal e uma simetria de origem secundária dão a impressão de três pessoas coordenadas. É principalmente o caso das línguas modernas de pronome obrigatório nas quais *ele* parece, continuando *eu* e *tu*, membro de um paradigma de três termos; ou da flexão indo-européia de presente, com *-mi*, *-si*, *-ti*. Na verdade a simetria é somente formal. (BENVENISTE, 2005, p. 283). (grifos do autor).

Externamente à relação “eu/tu” há referência zero quanto à pessoa. As instâncias da enunciação refletem a necessidade do exercício da linguagem. Não existem apenas enunciados dotados de personalidade. As construções autorreferenciais não se submetem a essa coerção linguística. A língua possui uma ampla quantidade de signos que, por meio de um



mecanismo particular, combinam-se. Mais importante do que isso, é notar que enunciar demanda índices próprios, e o “ele” se diferencia frente aos demais.

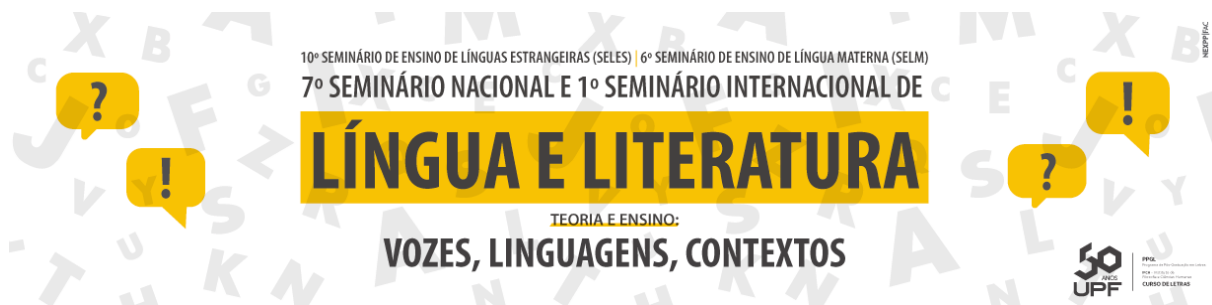
### 3 O OBJETO FORA DA ALOCUÇÃO EM “DA SUBJETIVIDADE NA LINGUAGEM”

O texto “Da subjetividade na linguagem” foi publicado no *Journal de psychologie*, no ano de 1958. De caráter interdisciplinar, o artigo benvenistiano faz uma associação entre a subjetividade e a linguagem, pontuando traços antropológicos. Muito foi acrescentado, teoricamente, por Émile Benveniste nesse texto, acréscimos que ecoam até a atualidade. Em apenas nove páginas da *Gallimard*, o autor expõe problemáticas e elabora reflexões determinantes à trajetória da Teoria da Enunciação.

O leitor é conduzido a entender, nesse momento teórico de Benveniste, que a linguagem **não** é um instrumento de comunicação. (grifo meu). Aqui, ela é propriedade relacionada ao homem e a sua natureza. Após tal instante antropológico, o linguista adentra o universo particular da subjetividade, revelando que o sujeito se constitui de duas formas: a) na linguagem e b) por intermédio da língua. Subjetivado, o homem projeta-se via-enunciação, apropriando-se do aparelho formal legado a ele pela própria língua. Instaura-se, então, o *ego* enunciativo, o qual não carrega consigo nenhuma semelhança com o conceito de ego oriundo da Psicologia.

Alguns termos apresentados em “Da subjetividade na linguagem” são essencialmente diferentes: a) homem, b) locutor, c) sujeito, d) pessoa, e) “eu”, por exemplo. Dessa sequência, ganha destaque o estudo feito acerca do “eu”, pois agora a categoria de pessoa está fundamentada na subjetividade inerente à linguagem. Tanto o pronome pessoal “eu” quanto o elemento gramatical “tu” extrapolam o campo sintático, indicando a pessoa que se materializa no dizer. Em oposição ao par pronominal “eu/tu” está o “ele” – objeto colocado fora da alocução.

Algumas classes de palavras como os verbos relacionam-se, diretamente, com os pronomes. Nesse mecanismo de junção pode-se perceber a natureza da subjetividade que constitui a linguagem. Observando-se a oposição que ocorre entre as pessoas pertencentes a cada um dos verbos, é possível diferenciar duas tipologias enunciativas: a) a subjetiva e b) a



não-subjetiva. Essa última refere-se ao índice “ele”. E, sobre isso, é importante recordar que a terceira pessoa

É a forma do paradigma verbal (ou pronominal) que *não* remete a nenhuma pessoa, porque se refere a um objeto colocado fora da alocação. Entretanto existe e só se caracteriza por oposição à pessoa *eu* do locutor que, enunciando-a, a situa como “não-pessoa”. Esse é o seu *status*. A forma *ele...* tira o seu valor do fato de que faz necessariamente parte de um discurso enunciado por “eu”. (BENVENISTE, 2005, p. 292). (grifos do autor).

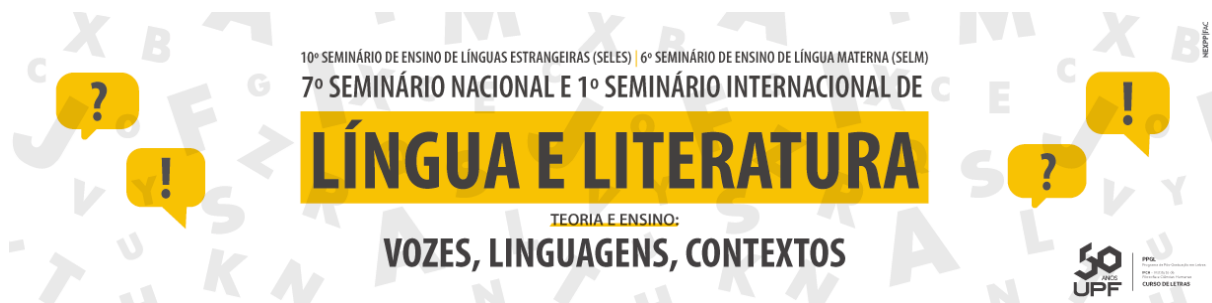
As marcas pronominais “eu” e “tu” estabelecem correlações, a cada vez únicas, no processo de construção de enunciados. Há uma língua que não possua expressão da pessoa? A Teoria da Enunciação benvenistiana nega essa possibilidade; e a rejeita com razão, pois “Uma língua sem expressão da pessoa é inconcebível”. (BENVENISTE, 2005, p. 287). Em alguns idiomas ocorrem processos diferenciados como a omissão pronominal pessoal. Nesses casos, outras formas particulares (as perífrases) são utilizadas em detrimento das referências quanto à pessoa.

No texto de 1946, “Estrutura das relações de pessoa no verbo”, a discussão feita sobre a categoria de pessoa ocorreu de modo mais tênue. Já em “Da subjetividade na linguagem” a pessoalidade enunciativa recebeu um tratamento detalhado, relacionando-se, em definitivo, à subjetividade. A partir do princípio da intersubjetividade, “eu” e “tu” opõem-se a “ele”, pois sua natureza é diferente. A oposição entre “interioridade” *versus* “exterioridade” estabelece a separação entre aquilo que integra a enunciação e o que se coloca desconectado da alocação.

#### 4 O OBJETO FORA DA ALOCAÇÃO EM “A LINGUAGEM E A EXPERIÊNCIA HUMANA”

Esse texto de Émile Benveniste estudou, em 1965, duas noções: a) pessoa e b) tempo, ambas em aspectos múltiplos. As categorias temporais e pessoais não dependem, exclusivamente, de elementos inerentes à cultura. Através delas o homem subjetiva-se, situando-se **na** e **pela** linguagem. (grifos meus). A oposição “eu/tu” *versus* “ele” é constitutiva do discurso. A linguagem não tem possibilidade nenhuma de existir se não houver tal contraposição enunciativa.

Uma determinada língua, a fim de ser reconhecida, deve permitir que, em sua interioridade, o sujeito possa singularizar-se. Assim, concretiza-se o princípio da



universalidade da experiência humana na linguagem. Por meio de uma dialética de cunho singular, indivíduos podem, por exemplo, fazer uso de uma forma linguística em comum, particularizando-se nela, fato que os diferencia.

Quanto à singularidade que permeia as pessoas “eu” e “tu” e a não-pessoa “ele” (objeto posto fora da alocação) vê-se que, de fato, uma

dialética singular é a mola desta subjetividade. A língua provê os falantes de um mesmo sistema de referências pessoais de que cada um se apropria pelo ato de linguagem e que, em cada instância de seu emprego, assim que é assumido por seu enunciador, se torna único e sem igual, não podendo realizar-se duas vezes da mesma maneira. Mas, fora do discurso efetivo, o pronome não é senão uma forma vazia, que não pode ser ligada nem a um objeto nem a um conceito. Ele recebe sua realidade e sua substância somente do discurso. (BENVENISTE, 2006, p. 69).

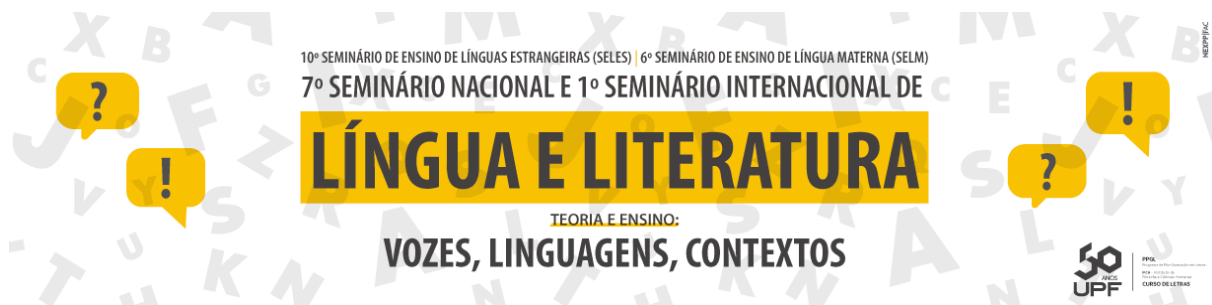
A enunciação se desenvolve através da irrepitibilidade do dizer, via-ato novo. O locutor, quando enuncia, vivencia um novo instante temporal. Ele se submete, a partir disso, a circunstâncias diferentes de discurso. E, instaurado na língua, o “eu” assume correspondência com um “tu”, e ambos divergem, sempre, quanto à natureza subjetiva, frente ao “ele”.

Após essas reflexões que partem do olhar de Émile Benveniste sobre a pessoa na enunciação, é fundamental discutir acerca do tempo. Ele é determinante no comportamento das pessoas enunciativas e, por esse motivo, não pode ser ignorado.

O tempo e a experiência humana (a qual subentende a presença do “eu/tu” opondo-se ao “ele”) estão intimamente relacionados. A Linguística da Enunciação diferencia o elemento temporal de três formas distintas, a saber:

- 1ª O tempo físico: correspondente aos fatos humanos;
- 2ª O tempo crônico: integrante de instituições como, por exemplo, o calendário;
- 3ª O tempo linguístico: intrínseco à manifestação que se dá por meio da fala.

O objeto fora da alocação “ele” é o aspecto central da discussão que esse artigo se propõe realizar. Dito isso, há de se destacar que existe sempre um “eu” que se dirige a um “tu” em contraposição a um “ele” nas interações linguísticas. Esse processo funcional é inerente à instância da fala, a qual é determinada pelo tempo de ordem linguística. Através da mobilização do “presente”, o falante torna contemporâneo seu dizer. Tal comportamento é prova irrefutável das oposições temporais da língua. E mais: o presente é uma reinvenção,



pois compreende o não-vivenciado, o momento novo, o qual se desenvolve à medida que o sujeito, pela fala, interage.

Não é possível tratar de Linguística da Enunciação sem dar atenção especial à categoria dos pronomes. São eles - “eu”, “tu” e “ele” - que se destacam nesse universo de elementos, projetando no discurso pessoas e a não-pessoa. O ato de colocar-se à disposição da língua para, a partir dela, enunciar e subjetivar-se recebe, ao longo desse processo, influência direta dos índices pronominais.

Através da relação estabelecida entre as categorias enunciativas de “pessoa” e “tempo”, Benveniste, no texto de 1965, esclarece que esses dois elementos estão interligados, estabelecendo entre si certa dependência. O homem, apropriado formalmente da língua, materializa-se no enunciado, registrando nele pronomes. Seja o “eu/tu”, seja o “ele” são vulneráveis à ação do tempo (principalmente o linguístico) e isso fundamenta o engendramento das enunciações.

## 5 A APLICAÇÃO ANALÍTICO-ENUNCIATIVA

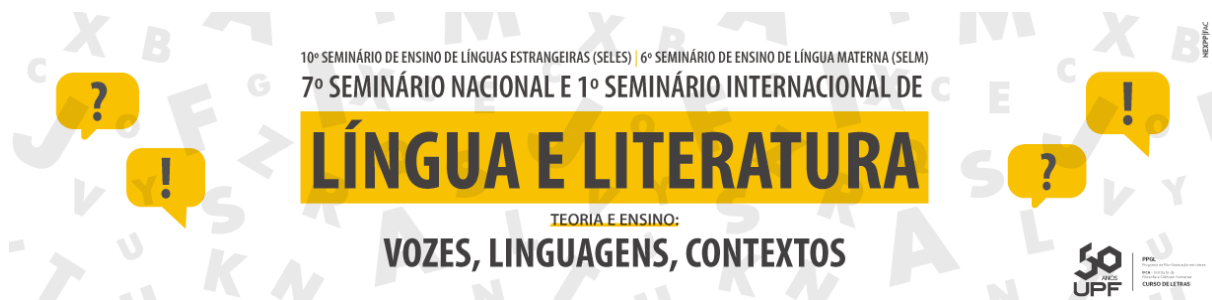
A teorização, em suas diversas formas de manifestação, enriquece a fortuna crítica inerente à Ciência. Faz-se necessário, porém, aplicar o escopo teórico, construindo o conhecimento científico.

Este espaço do artigo servirá para que tal pressuposto seja concretizado. Alguns procedimentos metodológicos serão utilizados para tal finalidade. Enumeramo-los:

- 1º Transcrever cinco construções enunciativas nas quais se materialize o objeto colocado fora da alocação;
- 2º Refletir, mobilizando diferentes fontes teóricas, sobre as enunciações selecionadas;
- 3º Registrar outros cinco enunciados, observando neles o comportamento da não-pessoa “ele”;
- 4º Analisar, a partir da Teoria da Enunciação, o segundo grupo de frases, elaborando afirmações que conduzam às considerações finais.

O jogador da seleção brasileira Neymar foi duramente criticado pela sua atuação durante algumas partidas da Copa do Mundo na Rússia, em 2018. A crônica de caráter





esportivo “Boca Fechada e Postura Exemplar”, elaborada por Diori Vasconcelos, discutiu essa temática, lançando um olhar positivo quanto ao atleta brasileiro.

Desse texto jornalístico, dez enunciados foram selecionados. Reproduzimos, na sequência, os cinco primeiros:

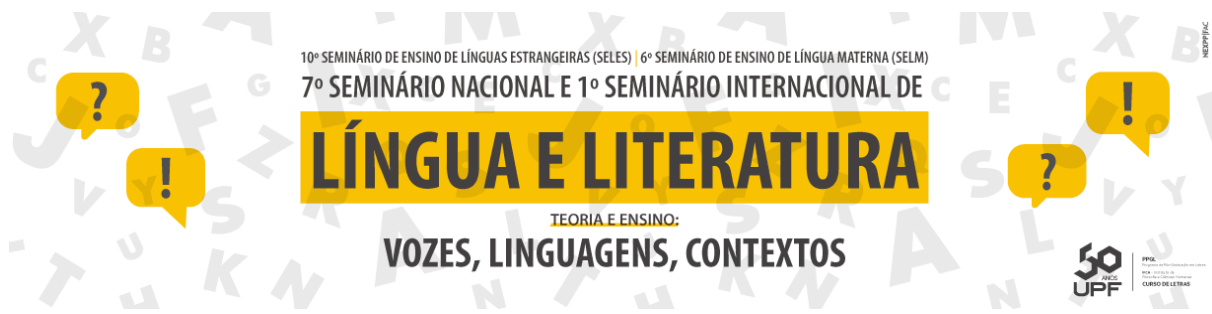
- 1º “A arrancada de Neymar na Copa da Rússia não foi boa.”;
- 2º “Fiz críticas ao jogador brasileiro depois dos jogos contra a Suíça e contra a Costa Rica.”;
- 3º “Cheguei a escrever e dizer que o Neymar que eu queria era o que fazia gols, não o que fazia teatro.”;
- 4º “Além de tentar simular faltas, o camisa 10 estava muito preocupado com arbitragem e reclamava de tudo.”;
- 5º “Foi neste jogo que ele finalmente deixou o juiz de lado.”.

Diferentes escolhas lexicais são mobilizadas via-língua para tratar do objeto situado externamente à alocação. Ora através de uma única palavra como, por exemplo, “Neymar” (na construção número 1), ora por meio de um sintagma nominal como “jogador brasileiro” (no enunciado número 2) o mesmo elemento referido encontra representação em variados referentes, revelando a pluralidade de caminhos que podem ser percorridos pela enunciação.

A frase número 3 abriga, em sua interioridade, três modos de dirigir-se a não-pessoa: a) “o Neymar”, b) “o que fazia gols” e c) “o que fazia teatro”. Isso nos coloca diante do universo particular, sempre novo, que o ato de enunciar encontra para, de maneira pluralizada, ilustrar a existência - na língua e no mundo - de um mesmo ser.

A Linguística da Enunciação concebe o objeto sobre o qual se debruça cientificamente como heterogêneo. Ela assim procede devido ao fato de que “incluir no objeto da lingüística questões como subjetividade, referência, dêixis, contexto, modalização, entre outras, é concebê-lo como heterogeneamente constituído.”. (FLORES, 2005, p. 12). O “ele”, estando apartado da alocação entre um “eu” e um “tu”, e sendo ao mesmo tempo integrante da enunciação, corrobora com essa perspectiva.

A marca enunciativa que a língua põe às claras na formulação 4 é interessante. Vários foram os futebolistas que, no passado, vestiram a camisa “canarinho” de número 10. Enunciar é mobilizar a língua e utilizá-la de modo singular, a cada nova enunciação. Então, “o camisa 10”, nessa situação de uso, só pode se referir a Neymar, e não a outro atleta que tenha o



uniforme com essa numeração, pois essa hipótese desconfiguraria a instância enunciativa mediada pelo presente da fala, tempo através do qual emana o dizer.

Muito ainda se pode discutir sobre o papel que o signo “ele” assume nas relações linguísticas humanas. O “tema nu” aparece na frase de número 5 na sua forma original, sem marcas correspondentes transfiguradas, sejam elas representadas por uma palavra, sejam registradas por uma expressão ou sintagma. Em textos longos a sinonímia é um recurso comum, evitando a repetitividade. Já na crônica de caráter esportivo, utilizar os pronomes na sua essência “pura” é usual, visto que se faz referência direta ao sujeito do qual se fala, com alto grau de objetividade.

Mais cinco enunciações serão apresentadas, a fim de que seja dado prosseguimento ao processo de análise:

6º “Contra o México, ontem, o melhor jogador brasileiro mais uma vez entrou em campo preocupado somente em jogar futebol.”;

7º “Ele sofreu seis das 18 faltas cometidas pelos mexicanos.”;

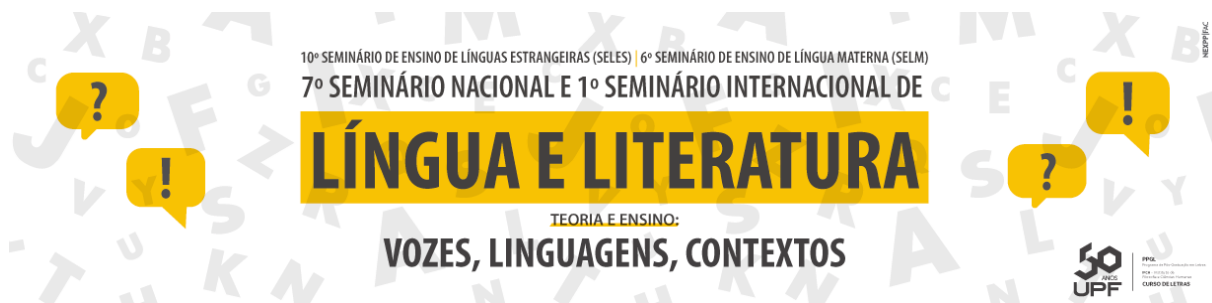
8º “Mesmo sendo o mais caçado em campo, não disse uma palavra sequer para protestar depois das infrações.”;

9º “Deixou o árbitro apitar.”;

10º “Já temos exemplos suficientes na Copa do Mundo para mostrar que ele deve estar concentrado na bola e não no apito.”.

Por outras duas vezes (enunciados de número 7 e 10) Diori Vasconcelos utiliza, na crônica, o elemento “ele”, em sua forma simplificada. Vale destacar que um dos principais objetivos desse gênero textual é chegar, fazendo uso de uma linguagem objetiva, próximo do público leitor. Palavras complexas que atuariam como opções de substituição pronominal poderiam dificultar a leitura e a compreensão do conteúdo semântico do texto. A escolha pelo registro do “ele” foi uma decisão, a partir desse contexto, acertada.

As expressões têm papel fundamental no funcionamento da referência, atuando como agentes substituintes do objeto localizado fora da alocação estabelecida entre o par pronominal “eu/tu”. Nas frases 6 e 8, respectivamente, “Contra o México, ontem, o melhor jogador brasileiro mais uma vez entrou em campo preocupado somente em jogar futebol.” e “Mesmo sendo o mais caçado em campo, não disse uma palavra sequer para protestar depois das infrações.” o cronista projeta, em instâncias enunciativas distintas, diferentes modos de



autorreferenciar o “ele”, o qual, implicitamente, nelas reside, fora do processo de construção alocutiva, no entanto.

Qual a importância assumida pelo verbo na Teoria Enunciativa de Émile Benveniste?

Grandiosa, com convicção se pode afirmar. E não é para menos: o que ocorreu na frase de número 9 “Deixou o árbitro apitar.” é prova disso, pois subliminarmente, embutido na flexão do verbo “deixar” lê-se “ele deixou”, ou seja, o verbo tem a capacidade de trazer à tona, no uso da língua, referências que remetem a não-pessoa “ele”. A “marca zero” quanto à pessoalidade, que se encontra separada da alocação entre o “eu-autor” e o “tu-leitor”, é sempre constitutiva, portanto, da enunciação.

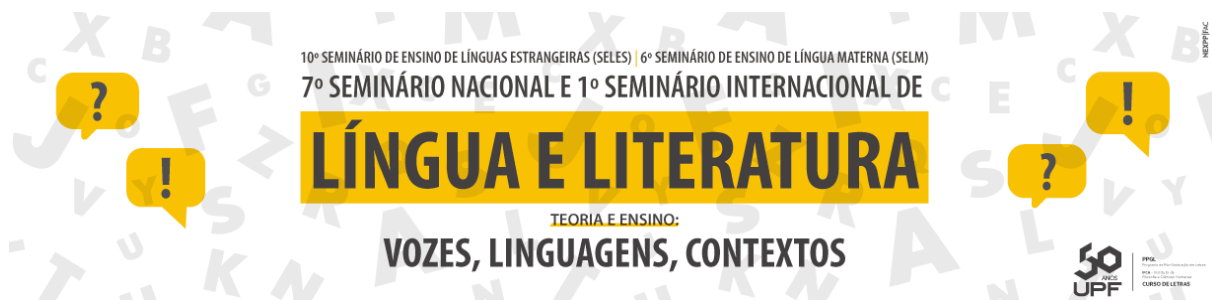
## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Teoria Enunciativa benvenistiana conquista, ano após ano, cada vez mais adeptos interessados em estudá-la. Isso se deve ao fato, talvez, de que, por ser uma área de estudos relativamente nova no Brasil, ela oferece oportunidades de discutir muitas questões importantes que ainda não foram o suficientemente exploradas pelas Ciências da Linguagem.

O ato de enunciar compreende alguns elementos: a) a língua, b) a linguagem, c) o homem e d) a sociedade. A partir desse percurso, os sentidos são produzidos, a cada vez únicos, preenchendo as instâncias da enunciação. E o que o sujeito que fala mobiliza para comunicar-se frente ao mundo?

Em “Boca Fechada e Postura Exemplar”, escrito por Diori Vasconcelos, são acionados, com o intuito de concretizar tal proposição, elementos como os pronomes. Nesse artigo deu-se atenção especial ao marcador pronominal “ele” que, na perspectiva de Émile Benveniste, recebeu designações como “não-pessoa”, “tema nu”, “marca zero” e, principalmente, “o objeto colocado fora da alocação”. Sobre o índice linguístico “ele”, na crônica de caráter esportivo analisada, é possível atestar que:

- 1º O “ele” somente existe à medida que se opõe ao “eu” e ao “tu”;
- 2º O “eu” é assumido pelo autor do texto, o qual enuncia. O “tu” se materializa na figura do leitor da crônica. O “ele” se coloca diante do par pronominal “eu/tu” como Neymar, jogador de futebol que suscitou a enunciação;
- 3º A “não-pessoa” é utilizada na sua forma gramatical original, a fim de facilitar a compreensão semântica textual, aproximando-se do público leitor;



4º Expressões mais complexas (os sintagmas) exercem a função de referentes do “tema nu” “ele”;

5º O “objeto colocado fora da alocução” é inerente à natureza da enunciação.

A opção de as considerações finais desse trabalho serem bastante sintéticas serve para que, a partir da reflexão conclusiva ora apresentada, o leitor esteja convidado a formular novos conhecimentos, os quais possam dar prosseguimento à temática aqui apresentada. A Ciência comungará, nesse sentido, um pouco mais com o “irrepetível” e “sempre novo” que emanam da Enunciação.

## REFERÊNCIAS

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I*. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri: revisão do prof. Isaac Nicolau Salum. 5ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

\_\_\_\_\_. A natureza dos pronomes (1956). In: *Problemas de lingüística geral I*. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri: revisão do prof. Isaac Nicolau Salum. 5ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

\_\_\_\_\_. Da subjetividade na linguagem (1958). In: *Problemas de lingüística geral I*. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri: revisão do prof. Isaac Nicolau Salum. 5ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral II*. Tradução de Eduardo Guimarães: revisão técnica da tradução Eduardo Guimarães. 2ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

\_\_\_\_\_. A linguagem e a experiência humana (1965). In: *Problemas de lingüística geral II*. Tradução de Eduardo Guimarães: revisão técnica da tradução Eduardo Guimarães. 2ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

FLORES, Valdir do Nascimento. *Introdução à lingüística da enunciação*. Valdir do Nascimento Flores e Marlene Teixeira. São Paulo: Contexto, 2005.

\_\_\_\_\_. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. Valdir do Nascimento Flores. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013.